

Enclausurado de Ian McEwan
Sociedade Literária Livros e Raquetes – 4/10/2018
Comentários de Teresa Lirio

A presença de Hamlet no livro Enclausurado é muito significativa. A palestra de Leandro Karnal no Café Filosófico, da TV Cultura, “Hamlet e o Mundo como palco”, nos ajuda a compreendê-la. Na abertura do programa há uma chamada sobre a importância de se lerem os clássicos, com uma definição de Ítalo Calvino: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer o que tinha para dizer.”

Então trago como uma questão para debatermos: porque Ian McEwan deu continuidade ao que Shakespeare, 1564/1616, tinha a nos dizer? Para que continuemos pensando? E o que Shakespeare ainda nos diz? Que há algo de podre em todos os reinos? O escritor inglês da atualidade acrescentou algo a Hamlet? A ironia? O humor? Fez uma brincadeira de idas e vindas no tempo, para dar atualidade a tragédia? Valeu-se das referências a Hamlet para dar mais profundidade trágica/dramática à sua trama? Será que ela seria tão interessante, para além de uma estória policial de suspense, não fosse o pano de fundo dos dilemas existenciais do príncipe dinamarquês?

Outro personagem implícito no livro Enclausurado é Freud. Aqui uma curiosidade: um dos maiores conhecedores de Shakespeare, Harold Bloom, advoga que não seria Freud o criador da psicanálise, mas, sim, Shakespeare, que, com suas obras, trouxe à luz toda a complexidade do psiquismo na dança das paixões, nas múltiplas nuances dos sentimentos, e nas escolhas devidas às mais diversas e inconscientes motivações. Freud teria bebido em Shakespeare sem lhe dar os devidos méritos. Em nosso livro, essas paixões comparecem: o amor, o ódio, a ambivalência, a ambição, a inveja, a culpa, e também a maneira como cada um lida com as angústias e com os conflitos entre o desejo e a realidade. Acima de tudo, a percepção acurada de que os infortúnios vêm de dentro, expressa na fala de Hamlet, que Ian McEwan escolheu para a epígrafe de Enclausurado: “Poderia viver numa casca de noz, e me achar o rei do espaço infinito não fossem os sonhos ruins.”

Na casca de noz, “útero materno”, nosso personagem vive sonhos e pesadelos. Linda a descrição do início da consciência: “Faz muito tempo, muitas semanas atrás, meu circuito neural se fechou e se transformou em minha espinha, e meus muitos milhões de neurônios, tão ativos quanto bichos da seda, fiaram e teceram, a partir de seus axônios em forma de cauda, o lindo tecido dourado da minha primeira ideia....”

Assim, de ideia em ideia, foi criando o filtro subjetivo para dar sentido às suas vivências.

Destaca-se em nosso feto o encantamento com a mãe, a vivência da continuidade e fusão que lhe permite viver o mundo pelos órgãos dos sentidos dela. Entretanto, precoce e dolorosamente dela se diferencia, o que lhe permite, às vezes, um julgamento crítico. Nesses dilemas, percebe-se a ambivalência em relação à mãe. O ódio e o amor são mantidos separados, pois é muito doído enxergar que alcançam a mesma pessoa.

Feto: “Mais além, o mistério de como o amor de minha mãe cresce proporcionalmente ao meu ódio por ela”. “A necessidade se transforma em amor, tal como o leite em manteiga”, falando do lugar do desamparo e da dependência.

Outro núcleo de densidade psicológica é seu profundo desprezo por Claude, “esse impostor que se infiltrou como um verme em minha família e em meus sonhos: um ignorantão.” E esse ódio respinga em sua mãe. “Eu a odeio e odeio o seu remorso. Como passou de John à Claude, da poesia ao lugar comum mais boçal? Descer para o chiqueiro asqueroso a fim de rolar na imundície com seu amante debilóide, espojar-se na merda e no gozo, planejar o roubo de uma casa, infligir uma dor monstruosa e uma morte humilhante a um homem bondoso? “

Em Hamlet também vemos semelhante indignação: “a rainha rebaixou-se a um canalha, com dons naturais execráveis comparados com os dele, e a rainha ... ainda que a luxúria a corteje em forma de anjo, também a lascívia mesmo ligada a um anjo refulgente continua devassa nos lenços celestes. E goza na imundície.”

... “E deixa de se alimentar nesta montanha límpida
Para ir engordar num lamaçal? Hei! Tem ou não tem olhos?”

O feto vive então o desejo de matar o impostor. Mas sofre por não conseguir fazê-lo. Recrimina-se por sua covardia: “minha incapacidade de alertar ou agir.”

Também Hamlet sofre com a incapacidade de agir.

“Pensar demais nas consequências nos deixa covardes.”

“Mas eu, Idiota inerte, alma de lodo,
Vivo na lua, insensível à minha própria causa...
Sou então um covarde? Quem me chama canalha?...
Mas que asno eu sou! Bela proeza a minha.
Eu, filho querido de um pai assassinado,
Intimado à vingança pelo céu e o inferno,
Fico aqui, como uma marafona,
Desafogando minha alma com palavras,
Me satisfazendo com insultos; é; como uma meretriz;
Ou uma lavadeira!”

Ian McEwan deu um salto de criatividade! Nos conta o primeiro sonho do feto, na tentativa de lidar com suas angústias e conflitos.

“Enquanto caminho, sinto a dor de um remorso indefinível e inalcançável, a sensação de haver deixado alguém ou alguma coisa para trás, de haver traído um dever ou um amor....um homem curvado sobre a mesa de carvalho com o tampo enodado me retém com uma história que escreveu ou eu escrevi, e deseja ter a minha opinião ou me dar a sua, uma correção, um comentário factual, ou quer que lhe diga como prosseguir... esse entrelaçamento de identidades é um aspecto do amor que sinto por ele, o qual quase supera a culpa de que desejo me livrar. Lá fora na rua um sino repica. Nos amontoamos do lado de fora para ver a passagem do cortejo fúnebre. Sabemos que se trata de uma morte importante. A procissão não aparece, mas o sino continua a tocar.

Permitindo-me também um exercício de imaginação, penso que no sonho ele se livra da consciência de saber quem está para ser morto, e traz a identificação com o escritor... quem escreveu a história, afinal? Aliás, Ian declarou que teve a inspiração para Enclausurado relendo Hamlet. Sabemos que a identificação com o genitor do mesmo sexo é também uma alternativa para a culpa, e uma saída para o conflito edipiano.

Mas a consciência, a dor de existir, é uma tortura. E o feto planeja morrer enforcado no cordão, pois é insuportável conviver conscientemente com tantas mazelas. Como a fala de Hamlet, em “Ser ou não ser”, esse dilema aponta para viver ou morrer, existir ou não no sentido de ter consciência ou viver alienado, e também para existir agindo no mundo.

Hamlet ao morrer diz: O resto é silêncio. Nosso herói diz, o resto é o caos. Todos presos, com a consciência da mais miserável realidade. Aqui Ian se diferencia de Shakespeare e dá o seu toque pessoal. O nascimento como morte, morte da fusão idealizada com a mãe, uma metáfora de enfrentar a miséria do mundo e a própria, ter consciência disso, e ainda assim querer viver. Essa foi a potência do feto.

E Freud? Além da presença na trama de todos os dilemas, conflitos e sentimentos, o autor faz uma referência a ele bem a sua maneira, com nomes levemente trocados. Na página 150, argumenta com o Sr. Ford que a biologia não pode ser o destino, devido às atuais grandes variações de gênero e a possibilidade de as pessoas escolherem o seu sexo.

Na verdade, a afirmação de Freud é “A anatomia é o destino”, e foi muito bem resumida por Fátima Sarmiento ao falar do corpo pulsional: “Enunciando que “a anatomia é o destino”, Freud (1912) considera que, da mesma forma que nascemos entre urina e fezes, o amor conserva um caráter animal, que faz com que no ato sexual novamente encontremos aquilo que envolveu nossa vinda ao mundo.” Uma outra citação desta frase já é de 1924, quando ele vai falar das implicações psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos. Essa é a que deu ensejo às reflexões do feto sobre o “camarão” que encontrou entre as suas pernas, e às suas inquietações quanto a sua futura identidade sexual.

Acho também que encontrou outra inspiração em Freud, de 1926: “Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar.”

Essa frase também se parece com a de Shakespeare: “Existe muito mais coisas entre o céu e a terra do que a nossa filosofia nos permite sonhar”, e cai muito bem no debate desse tema. Ou seja, não podemos conhecer racionalmente todos os campos. Existem muitas teorias sobre o psiquismo fetal. Muitos pontos de vista. Mas a controvérsia continua. Até que ponto existe comunicação entre o feto e sua mãe? Nascemos com nossos genes e com uma experiência anterior de alguma maneira registrada? Como as memórias primitivas impactam a nossa vida?

A afirmação de Freud continua tendo o que dizer aos analistas contemporâneos. Pesquisas com bebês, iniciadas com exames de ultrassom, realizadas pela pesquisadora Alessandra Piontelli, mostram que a forma como o bebê se comportava dentro do

útero, continua a caracterizá-lo depois do nascimento.
<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/de-feto-a-crianca-estudo-da-dra-alessandra-piontelli/33491>

São muitos os livros os escritos por essa autora:
<https://www.amazon.com/Alessandra-Piontelli/e/B001HCXTVW>

Temos no Brasil uma estudiosa do assunto, Joana Wilhein, com muitos trabalhos publicados.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff19089907.htm>

Um psicanalista inglês muito respeitado, Wilfred Bion, especula sobre a possibilidade de sobrevivência de funções pré-natais na mente humana incluindo o que ele chama de intuição embriológica. Seria essa a intuição que o feto usa para apreender o mundo intra uterino e resquícios dessa intuição continuariam na vida pós-natal.

Bom, muitas são as teorias e construções, mas dando razão a Shakespeare ... existe muito mais coisa entre o céu e a terra do que a nossa ciência pode nos fazer conhecer...